Sobre um suplemento de significante

Ana Paula Lacorte Gianesi

Em *O saber do psicanalista*, Lacan nos propôs uma definição de interpretação como sendo a intervenção de um analista no discurso de um sujeito, procurando ali um **suplemento** de significante. Ele nos alertava, outrossim, que o analista não seria, de modo algum, um nominalista. Um analista, em sua práxis, não buscaria as representações do sujeito. Algo desta posição, ética, nós podemos encontrar desde os primórdios do ensino de Lacan. Seguirei alguns de seus comentários, em conformidade com certa cronologia, até aportar nesta noção de suplemento, o que nos indica uma orientação "feminizante" para uma análise. Que em um possível final de análise possa não haver equivalência entre o homem e a mulher, isso aponta para um gozo suplementar em relação ao gozo fálico. O bem-dizer ao sinthoma estará, enfim, neste horizonte de discussão.

Pois bem, façamos um breve percurso neste ensino que nos orienta. Primeiro, uma citação extraída da *Direção da cura*:

> O lugar ínfimo que a interpretação ocupa na atualidade psicanalítica (...) porque a abordagem desse sentido sempre atesta um embaraço. Não há autor que se confronte com ele sem proceder destacando toda sorte de intervenções verbais que não são a interpretação: explicações, gratificações, respostas à demanda... etc. (LACAN, 1958/1998, p. 598).

Lacan fora, então, bastante assertivo: explicações, gratificações, respostas à demanda, estas intervenções não são a interpretação. E destaquemos que neste ponto de seu ensino, ele transmitia o indicador de uma interpretação, fundado, radicalmente, no conceito da função significante. Em meio a seu retorno a Freud, Lacan circunscreveu esta função como o que capta o ponto "onde o sujeito se subordina a ele [significante], a ponto de por ele ser subornado" (*Ibid*., p. 599).

Por seu materialismo decidido, Lacan procurava as bases (no sentido militar) de uma psicanálise que não ficasse à mercê do inefável. Nesta direção, ele nos apontava o risco de um efeito flogístico da interpretação. Um exemplo pertinente, ele nos dá quando aponta certa tendência na qual a interpretação poderia ser encontrada em toda e qualquer parte, isto no impedimento de "retê-la em parte alguma" (*Ibid*.).

Não obstante, Lacan já estava ali atento aos efeitos de significante que bordeavam um elemento faltante. E seguia a tese de que a interpretação poderia produzir algo novo. Conforme escreveu, uma interpretação, para decifrar a diacronia da repetição inconsciente "deve introduzir na sincronia dos significantes, que nela se compõem algo que, de repente, possibilite a tradução (…) sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante" (*Ibid.*).

Encontramos, em seu *Seminário 11*, uma citação que bem conversa com essas colocações iniciais. Com a ressalva de que podemos localizar, nas transcrições de 1964, uma formalização do resto faltante e a inclusão (êxtima) do Real na estrutura. Lacan tinha dado seu passo de invenção, a saber, o objeto pequeno *a:*

> A interpretação não é aberta a todos os sentidos. Ela não é de modo algum não importa qual (...) O que é essencial é que ele [sujeito] veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irredutível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado (LACAN, 1964/1985, p. 237).

Frisemos isto: um sujeito assujeitado a um significante irredutível, traumático, fora do campo do sentido. E notemos que ali mesmo, em seu seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan nos dizia, o que me parece fundamental, que a direção da cura não deveria visar "tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso" (*Ibid.*, p. 201).

A visada daquilo que está fora do campo do sentido, Lacan a articulou a um possível. Darei aqui um grande salto. Disse ele, em seu *Seminário 24*, que é possível que o sentido cesse de se escrever. Apenas deste modo o possível poderia ter a ver com o real. Cessar de escrever os sentidos intermináveis que a imaginação neurótica tece em suas teias, em suas redes, em suas elucubrações.

Ainda sobre o possível, podemos recordar que poucos anos antes Lacan atestava a possibilidade de um dizer – que se diga. Modo subjuntivo que encontramos em *O aturdito*, de 1972, outro de seus textos sobre a interpretação. E lembremos que justamente em seu "que se diga" Lacan colocava o reencontro do discurso psicanalítico com o real, ou seja, com o impossível (e ele não deixa de acrescentar: de onde provém o necessário – o que, por sua vez, já implica a contingência).

Mais ainda, na aula de 14 de dezembro de 1976 de seu *Seminário 24*, ele acrescenta que é sempre possível que o sentido atrelado ao significado cesse como equívoco (*une bévue e, por homofonia, unbewusst*). Pois bem, o equívoco (não sem equivocar com o "inconsciente"), trilhemos de agora em diante nossos caminhos com este termo como companhia. Detenhamo-nos, assim, e apenas um instante, em uma passagem de *O aturdito* que nos esclarece sobre as articulações entre o inconsciente, a linguagem, *lalíngua*, o equívoco e o real:

> [...] O **inconsciente**, por ser 'estruturado *como uma* **linguagem**', isto é, como a **lalíngua** que ele habita, está sujeito à **equivocidade** pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da **integral dos equívocos** que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o **real** – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o **real** de que não existe relação sexual – se depositou ao longo das eras [grifos meus] (LACAN, 1972/2003, p. 492).

Havia, com Lacan, uma clara orientação para que o psicanalista fizesse ressoar o que não fosse o sentido. Vejamos mais uma citação: "O sentido, isso tampona; mas com a ajuda daquilo que se chama escritura poética vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a **interpretação** analítica" (LACAN, aula de 18 de abril de 1977, inédito).

O que seria, então, uma escritura poética? Qual sua articulação com a interpretação analítica? Pela via do equívoco (*une bévue*) e com o que este porta de enigma, afirmaríamos que seria justamente aquilo que vai na contramão do inflar de sentidos? Tanto por declarar o fora de sentido, quanto por exercitar o cúmulo de sentido? Aquilo que produz o furo por seu efeito de escritura? De uma escritura que permite, enfim, uma leitura anortográfica, conforme Lacan sugerira em seu *Posfácio ao Seminário 11*? Leitura que conta (e canta) o tom e o som e que permite apontar algo do impossível?

Lacan perseverava. Na *IV Jornada de estudos dos Cartéis da Escola Freudiana* – sessão de encerramento, ele afirmou a antinomia entre o sentido e o real e nos mostrou que uma interpretação teria a ver com o real apenas quando a dosássemos. Que uma interpretação incida sobre a causa do desejo, isso declara o ab-senso. O que é aqui dedutível é o ab-senso da relação sexual. O objeto *a*, causa de desejo, desnudado em uma análise, mostra o impossível: o não há relação sexual. Apenas pontuemos, para seguirmos, que em seu discurso *A terceira*, Lacan colocara em homologia, justamente quanto ao não-senso, o S1, essa contingência (de onde provém o necessário), e o objeto *a* (este pedaço de real).

Do mesmo modo, temos elementos para seguirmos com a asserção segundo a qual a incisão da interpretação sobre a causa de desejo dá-se como um tiro no coração que erra o alvo. A *Carta aos italianos*, de 1974, permite-nos esta leitura. Incidir sobre a causa de desejo, isso surge como o possível de um dizer:

> Existe o objeto (a). Ele ex-siste agora, por eu o haver construído. Suponho que se conheçam suas quatro substâncias episódicas, que se saiba para que ele serve, por se envolver da pulsão pela qual cada um se mira no coração e só se chega lá com um tiro que erra o alvo (LACAN, 1974-2003, p. 314).

Tanto a orientação legada por Lacan de reduzirmos os significantes a seu não-senso, quanto seu propósito de incidir sobre a causa de desejo, ambos os passos apontam para o que, na direção da cura, orienta-se por S(Ⱥ): o significante da falta do Outro.

Pois bem, justamente neste ponto, retomemos o mote deste trabalho: o suplemento de significante. Lacan fora enfático, o analista intervém no discurso do analisante procurando um suplemento de significante (LACAN, aula de 4 de maio de 1972). Sabemos da importância desta noção de suplemento nos últimos anos do ensino de Lacan.

Sigamos, então, algumas pistas sobre o suplemento. De rastros deixados, evoquemos seus dizeres que circundam o real, a mulher e o sinthoma-letra. Podemos localizar, em princípio, uma asserção topológica encontrada em *O aturdito*. Ali, Lacan retomava seu seminário sobre a identificação e nos indicava que o objeto pequeno *a*, na composição do *cross-cap* (da fantasia), designar-se-ia por uma "rodela suplementar" (LACAN, 1972/2003, p. 475); elemento heterogêneo em relação à banda de Moebius, elemento dedutível após alguns giros de uma análise, o que não vem sem operações de corte.

Em seu *Seminário 18*, de 1971, encontramos aquilo que ele designou como efeito feminizante de uma análise. Lacan estava ali ancorado pela letra/carta:

> Trata-se, pois, de tornar sensível como a transmissão de uma carta/letra se relaciona (...) com o gozo (...) trata-se, expressamente de estudar a carta/letra como tal, na medida em que ela tem, como eu disse, um efeito feminizante (LACAN, 1971/2009, p. 121).

Do efeito feminizante da carta/letra em sua relação com o gozo, podemos aportar em seu *Seminário 20* e sua asserção sobre a mulher: a mulher, diz Lacan, isso não se escreve. A mulher não existe. Daí Ⱥ. Esse Ⱥ não se pode dizer, possui, fundamentalmente, relação com S(Ⱥ): "A mulher tem relação com S(Ⱥ) por um lado e, por outro, ela pode ter relação com o Falo (Φ) e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda" (LACAN, 1972-73/1985, p. 109). Lacan faz corresponder S(Ⱥ) e o gozo da mulher. O que condiciona que o gozo feminino não esteja todo ocupado com o homem. A mulher é não-toda.

Estas colocações podem nos trazer, por fim, um sinal de um gozo suplementar em relação ao gozo fálico. Se o suplemento aponta o não-todo, a mulher (não-toda) e a partilha dos sexos são postas em questão.

Em seu texto *D'Ecolage*, de 1980, Lacan fez um importante comentário sobre as distinções entre o gozo fálico e o gozo feminino, que é, então, suplementar: "O gozo fálico é justamente aquele que consome o analisante" (LACAN, 1980, p. 52). "O

gozo fálico não aproxima as mulheres dos homens, mas bem as afasta deles, porque este gozo é obstáculo para acasalá-las com o sexuado da outra espécie" (*Ibid*., p. 51).

Parece-me relevante frisar que esta noção de suplemento aponta para a não equivalência entre o homem e a mulher. O que convoca os dizeres de Lacan sobre o sinthoma. Ele destacou, em seu *Seminário 23*, que no sinthoma não há equivalência entre o homem e a mulher. Mais ainda, não há equivalência e há relação. Verifiquemos detidamente a citação:

> Na medida em que há sinthoma, não há equivalência sexual, isto é, há relação. Com efeito, se a não relação deriva da equivalência, a relação se estrutura na medida em que não há equivalência. Há, portanto, ao mesmo tempo, relação sexual e não há relação. Há relação na medida em que há sinthoma, isto é, em que o outro sexo é suportado pelo sinthoma (LACAN, 1975-76/2007, p. 98).

A não equivalência entre o homem e a mulher implica, pela via do sinthoma, a relação sexual. No sinthoma o Outro sexo, $\not{A}$ mulher encontra seu suporte.

Proponho-me, neste ponto, a fazer uma breve digressão.

Retomemos alguns termos e conceitos desta práxis. Lembremos que a fantasia, segundo Lacan formulou, seria uma tentativa do sujeito de escrever a relação sexual, fazer proporção (e complementação) entre os sexos e isso através da punção entre sujeito e objeto. Fazendo coalescência entre o pequeno *a* e o S($\not{A}$), o sujeito (barrado), na fantasia, consubstancialmente se esforça por encampar toda a dimensão do real e fazer este mesmo *a* equivaler ao $-\varphi$. O paradoxal desta tentativa é que o objeto que o sujeito procura englobar é (a)sexuado. Ele o é justamente por ser o *a* sexuado em sua versão de gozo, de mais de gozar e, igualmente, assexuado, por não ser suficiente para dizer da diferença entre os sexos. Apenas com o objeto *a* a não equivalência entre os sexos não se mostra. Na fantasia, somos todos sujeitos barrados procurando fazer relação com o *a*. A não equivalência poderia ser localizada, então, na distinção entre o sujeito (barrado) de um lado e o objeto de outro. Arriscaria dizer que a relação fantasmática não é suficiente para dizer do homem e da mulher.

Por outro lado, no sinthoma, homem e mulher não equivalem entre si. Lacan tentou mostrar isso com os nós. No quadro das fórmulas da sexuação talvez possamos localizar a não equivalência entre os sexos nas inscrições de gozo: fálico de um lado, Outro gozo (não-todo fálico) de outro.

Parece ser preciso sustentar que a não equivalência entre os sexos, no sinthoma, não é da ordem da realização fantasmática. O sinthoma, ao mostrar a não equivalência entre o homem e a mulher, talvez permita, a um só tempo, o modo de gozo relativo a S($\not{A}$) e o necessário de S1 (o que não vem sem a contingência). Interessante pensarmos, outrossim, que a não equivalência e a não simetria entre

o homem e a mulher postos na via do sinthoma chamam a abertura da lógica não--toda e do efeito de um além do significante (e da significação fálica).

Esta visada do sinthoma, da identificação ao sinthoma quanto um signo, quanto aquilo que é da ordem da cifra (que não mais clama por decifração), pode nos implicar, por uma torção, na direção da cura. Este fim possível nos remete ao início de uma análise e ao percurso de uma análise.

A identificação, enquanto uma operação e um conceito matemáticos, quando a referimos por aquilo que Lacan declarara como o sinthoma-letra, então, a identificação ao sinthoma-letra, isso pode nos esclarecer sobre a função suplementar. E penso que é por isso que Lacan insistiu em dizer que, ao mesmo tempo, há e não há relação sexual. Não há relação sexual, eis o furo, o impossível, o apontamento do real do sujeito. Há relação e não há equivalência, algo que concerne ao sinthoma. Eis um passo ético que concerne ao bem-dizer, ao bem-dizer o sinthoma. E, consubstancialmente, um passo lógico, que nos implica uma lógica que comporta (e suporta) o não-todo.

Desta feita, após este percurso sobre o suplemento articulado ao objeto *a*, ao gozo não-todo e ao sinthoma, poderíamos voltar à função suplementar da interpretação. Aqui, mais uma referência. Em *O aturdito* Lacan articulou a interpretação ao apofântico. Ele afirmou que a interpretação é o apofântico, o que se refere ao declarativo ou revelativo. Aristóteles teria considerado que esse tipo de enunciado – apofântico – é um objeto da lógica da qual são excluídas as orações, as ordens etc., e cujo estudo pertence à retórica ou à poética (ABBAGNANO, 1998). Outra citação de Lacan:

> O dizer da análise, na medida em que é eficaz, realiza o apofântico, que, por sua simples ex-sistência, distingue-se da proposição (...) Esse dizer renomeia-se aí pelo embaraço que deixam transparecer campos tão dispersos quanto o oráculo e o fora-do-discurso da psicose, através do empréstimo que lhes faz do termo 'interpretação' (LACAN, 1972/2003, p. 491-2).

A interpretação, ao realizar o apofântico em sua ex-sistência distingue-se da função proposicional. Por sua dimensão declarativa ou revelativa, aponta-nos a "arte do bem-dizer" e a função poética de onde sobrevém o furo. O apofântico nos deixa em face com o mistério, com o enigma.

O enigma (o revelativo do apofântico) parece não caminhar sem o declarativo. Poderíamos nos ater às frases lacanianas sobre o mistério do corpo falante, sobre o enigma do sexo feminino, sobre as epifanias em Joyce e sobre o cúmulo de sentido para assim recolher algumas de suas referências ao enigma e ao mistério. Em seu *Seminário 23*, ao tratar as epifanias em Joyce, por exemplo, Lacan

ressalta seu caráter enigmático e nos diz que elas podem ser lidas como algo que aponta o Real: "O enigma é uma questão de enunciação, da relação do enunciado com a enunciação", sendo a enunciação: "**o enigma elevado à potência da escrita**" (LACAN, 1975-76/2007, p. 150). Voltamos ao ponto da escritura. E aqui, quiçá, possamos assistir ao encontro da escritura poética com o dizer.

Através do enigma, pela prática do equívoco, ser-nos-ia possível reduzir os significantes ao não-senso. S1. Esse-Um. E, desde essa produção, "errar o alvo" que atingiria o objeto *a*. Conforme Lacan anunciara em *Radiofonia*, seria como acuar o impossível de tal modo que a impotência (da fantasia) possa mudar de modalidade. O que indica um gozo suplementar ao gozo fálico: S(Ⱥ). Eis uma orientação que concerne ao suplemento.

Pois bem, desde o equívoco (*une bévue*) Lacan nos propõe, novamente em *O Aturdito*, três dimensões da interpretação: a homofonia, a gramática e a lógica.

"Os equívocos pelos quais se inscreve o lateral de uma enunciação concentram-se em três pontos nodais" (LACAN, 1972/2003, p. 494) – com nenhum deles começando primeiro: a homofonia (da qual depende a ortografia – ou a anortografia). Lembremos, desta feita, da homonímia (homofonia e homografia). A gramática (letra) que conforme Lacan colocara em *Televisão* "serve de trave para a escrita e atesta um real que, por sua vez, permanece como enigma" (LACAN, 1973/2003, p. 515). Donde ele sugere que prestemos atenção no que seria da amorfologia. E, finalmente, a lógica "sem a qual a interpretação seria imbecil" (LACAN, 1972/2003, p. 494).

A lógica, Lacan insiste: o "formalizado", aquilo que é próprio do matema, isso pode existir desde paradoxos, que nos fazem apostar, e dar um tratamento não trivial à contradição. Tirar proveito de se proibir esse fundamento (da contradição), eis uma relevante chave clínica. Conforme Lacan bem ponderou em seu *Momento de concluir*: "O inconsciente, diz-se, não conhece a contradição, e é exatamente por isso que é preciso que o analista opere por intermédio de alguma coisa que não se baseie na contradição" (LACAN, *Momento de concluir*, aula de 15 de novembro de 1977).

Desde que se possa configurar uma prática que, enfim, aposte na importância do equívoco nestes três pontos nodais (a homofonia, a gramática e a lógica), pareceu-me interessante pensar, por torção temporal, em dois pontos sublinhados por Lacan em seu *Direção da cura*. Com o primeiro, referente ao alcance da interpretação em Freud, Lacan nos lembra da tendência (fruto do advento do significante) que se designa por *Trieb*. Lacan enfatizava, então, a importância da pulsão para a interpretação. Outrossim, nos vestígios do que se poderia chamar "linhas de destino do sujeito" (LACAN, 1958/1998, p. 603), ele atribuía relevância à ambiguidade que operou o veredito de Tirésias (lembremos que ao declarar que seria a mulher, em uma comparação com o homem, quem mais teria prazer, o adivinho

de Tebas teria provocado a ira de Hera, já que revelava a relação da mulher com a ordem fálica). A pulsão e o preliminar da mulher não-toda, quiçá isto nos indique algo que mais tarde fora lido por suplemento.

Como a homofonia e a gramática não andam sem a lógica (esta lógica que permite-se não seguir o princípio da razão referente à contradição), frisaria, com o intuito de estabelecer uma conclusão possível, o segundo ponto, qual seja, uma asserção (lógica) de Lacan: "Uma interpretação só pode ser **exata** se for... uma interpretação" [grifo meu] (LACAN, 1958/1998, p. 607).

referências bibliográficas

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1014p.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In:

_____. *Escritos.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652.

_____. (1964). *O seminário, livro 11*: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Versão brasileira M. D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. 269 p.

_____. (1971). *O seminário, livro 18*: *De um discurso que não fosse do semblante*. Tradução. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. 176 p.

_____. *O seminário: O saber do psicanalista.* (1972). Inédito.

_____. (1972) O aturdito. In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497.

_____. (1972-73). *O seminário, livro 20*: *Mais, ainda*. Versão brasileira M. D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 160 p.

_____. (1973) Posfácio ao seminário 11. In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 503-507.

_____. (1973) Televisão. In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 508-543.

_____. *A terceira*. (1974). Inédito.

_____. (1974) Nota italiana. In: LACAN, J. *Outros Escritos.* Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 311-315.

_____. (1975-76). *O seminário, livro 23*: *O sinthoma*. Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 252 p.

_____. *IV Jornada de estudos dos Cartéis da Escola Freudiana – Sessão de encerramento*. (1975). Inédito.

_____. *Le seminaire, livre 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre.*

(1976-77). Inédito.
_____. *O seminário*: *Momento de Concluir*. (1977). Inédito.
_____. *D'Ecolage*. (1980). Inédito.

resumo

A proposição lacaniana, encontrada em *O saber do psicanalista*, segundo a qual a definição de interpretação seria "a intervenção de um analista no discurso de um sujeito, procurando ali um **suplemento** de significante", serviu de inspiração para este texto. No texto, Lacan nos alertou que o analista não seria, de modo algum, um nominalista. Um analista, em sua práxis, não buscaria as representações do sujeito. Algo desta posição, ética, nós podemos encontrar desde os primórdios do ensino de Lacan. Seguir-se-ão alguns de seus comentários, em conformidade com certa cronologia, até aportar nesta noção de suplemento, o que nos indica uma orientação "feminizante" para uma análise. Que em um possível final de análise possa não haver equivalência entre o homem e a mulher, isso aponta para um gozo suplementar em relação ao gozo fálico.

palavras-chave

Significante, suplemento, objeto a, equívoco (*une-bévue*), interpretação.

abstract

The Lacanian proposition, found in *The knowledge of the Psychoanalyst*, according to which the definition of interpretation would be: the intervention of an analyst in the discourse of a subject, looking out there for a **supplement** of significant, has served of inspiration for this text. Here, Lacan has warned us that the analyst would not be, in any way, a nominalist. One analyst, in his/her practice, would not seek the representations of the subject. Something from this position, ethics, we can find, since the beginning of Lacan's teaching. Some of his comments are to follow, in accordance with a certain chronology, until this notion of supplement is reached, what it points to us a "femininizing' orientation to an analysis. That at a possible end of analysis there can be no equivalence there can be no equivalence between a man and woman, this points to a supplementary *jouissance* compared to the phallic *jouissance*.

keywords

Significant, supplement, object little a, equivocal (*une-bévue*), interpretation.

recebido

16/02/2012

aprovado

28/03/2012